

COMPLEXO RHEINGANTZ: A HISTÓRIA ORAL DESPERTANDO MEMÓRIAS DE UM PATRIMÔNIO

*Lisiane Costa Claro
Hardalla Santos do Valle*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da história oral como metodologia na investigação acerca dos significados de um patrimônio cultural. Isso é realizado a partir de um estudo de caso, o qual tem como objeto o Complexo Industrial Rheingantz, situado na cidade de Rio Grande/RS. Dessa forma, por meio de relatos de antigos funcionários da fábrica e de seus descendentes, é possível analisar a importância e o impacto que a remanescente estrutura apresenta nas suas vidas, bem como, na comunidade local. Além disso, o trabalho de investigação oral instiga os próprios entrevistados a disseminar a relevância do lugar o qual configura um valioso patrimônio para esses indivíduos. Assim, o estudo referido tem sua importância alicerçada na urgente tarefa de utilizar a memória como grande aliada na busca pelos significados e sentimentos arraigados a patrimônios locais.

Palavras-chave: História Oral; Memória; Patrimônio; Complexo Rheingantz.

Abstract: The present work aims to demonstrate the importance of oral history as methodology in research on the meanings of a cultural heritage. This is accomplished from a case study, which has as its object the Rheingantz Industrial Complex, located in the city of Rio Grande / RS. Thus, through accounts of former factory workers and their descendants, it is possible to analyze the importance and impact that the remaining structure has on their lives, as well as the local community. Moreover, the research work orally entices those interviewed to disseminate the importance of the place which sets a valuable asset for these individuals. Thus, the study said its importance is rooted in the urgent task of using memory as a great ally in the search for meanings and feelings rooted in heritage sites.

Keywords: Oral History; Memory; Heritage; Complex Rheingantz.

Introdução

Nostalgia, indiferença e receio. Essas palavras traduzem bem os sentimentos de muitos passos, que percorrem uma avenida, a qual já foi muito movimentada e produtiva. Os passos nostálgicos aqui referidos pertencem aos mais velhos, principalmente. São comuns as lembranças costuradas por um saudosismo de um tempo repleto de sonoridades que advém das máquinas, das conversas e dos apitos. A indiferença é carregada pelo caminhar dos mais novos. Isso porque nem sempre a imponência do antigo prédio fabril, com suas grandes dimensões, instiga a curiosidade dos apressados que por ali transitam: esses levam suas vidas sem saber que a estrutura daquela avenida foi construída e planejada em função da fábrica, acarretando e representando a expansão da cidade em um dado momento.

O receio sim, esse é um sentimento comum a todos que passam pelo remanescente complexo industrial composto pela vila operária, casa dos mestres, escola e creche, salão

social, centro de mutualidade e pavilhões. Existe receio do esquecimento de um passado rico no que tange a história econômica e cultural do município e região, receio do esquecimento do lugar de trabalho e de vida de muitas pessoas e receio de ser assaltado. Afinal, quem se atreve a andar tranqüilamente em frente ao antigo prédio de produção da Rheingantz após determinado horário?

A partir de tais observações, surgiram alguns questionamentos que motivaram a escrever sobre o complexo: ainda há memória ligada à Rheingantz? Quais são as lembranças mais fortes acerca do Complexo? Como reconstruir e valorizar essa memória?

Nesta direção, o presente artigo vislumbra fomentar o olhar crítico e a busca do leitor pela preservação e revigoração da estrutura remanescente daquilo que constitui o Complexo Rheingantz (e das memórias a ele interconectadas), localizado na cidade de Rio Grande. Isso, a partir da História Oral.

Além disso, o trabalho que segue torna-se pertinente na medida em que expõe a possibilidade de valorização de vários patrimônios culturais os quais representam as histórias e memórias a eles pertencentes. Logo, a justificativa desse estudo está pautada no pensamento de que o Complexo, em seu atual estado, deixa de contar a história que o construiu. Seu abandono esconde um passado de desenvolvimento urbano significativo numa cidade cujo contexto presente tanto se destaca na conjuntura regional e nacional. Ainda nessa perspectiva, a Rheingantz possui memória viva, ainda que um pouco ofuscada devido à falta de valorização, através dos moradores ainda existentes na vila operária – maioria descendentes de ex-operários. É dever dos cidadãos residentes na cidade de Rio Grande, resguardar e disseminar a sua história, preservando e respeitando essas lembranças, que tanto podem auxiliar nessa função de explanação histórica.

Para tanto, esse artigo apresentará um breve histórico de como constituiu-se o antigo complexo industrial na cidade de Rio Grande, RS. A partir disso, serão enfatizadas as possibilidades da História Oral acerca de sua propensão no que concerne o conhecer das memórias veiculadas a tal objeto. Essas memórias são capazes de auxiliar no processo de construção histórica e, conseqüentemente, trazer à tona a exigência por cuidados para com o patrimônio cultural que representa parte da história econômica, cultural e de trabalho no Rio Grande do Sul – que tanto representou o contexto nacional em seus períodos de produção.

O patrimônio Rheingantz

Carlos Guilherme Rheingantz foi o homem cujo sobrenome emprestou ao que seria um Complexo de forte presença na região. Sua família originária da Renânia (Alemanha) viera ao país com o objetivo de colonizar a região chamada no período de “Serra Tapes”. De acordo com Paulitsch:

Carlos Guilherme Rheingantz fora mandado estudar na Europa, como era costume com quase todos os filhos de grandes comerciantes e industriais, trazendo de lá experiência tecnológica e organizacional para seus negócios. Ao retornar para o Brasil, após recorrer vários países da Europa e terminar sua formação intelectual e

cultural, dedica-se ao comércio em Pelotas. Em 1º de março de 1873, casa-se com Maria Francisca de Sá. (PAULITSCH, 2003: 61)

Esse preparo para o mercado de comércio e indústria pareceu estar atrelado aos resultados que o casamento com Maria Francisca de Sá proporcionou. Carlos Rheingantz fundou, juntamente com seu sogro, o Comendador Miguel Tito de Sá (e Hermann Vater) a sociedade em comandita chamada Rheingantz e Vater, no ano de 1873, na cidade de Rio Grande. A firma iniciou com 90 contos de réis, investimento de capital de Tito de Sá. A indústria levou o título de pioneira de lã no país e teve sua atuação produtiva em 1874.

Segundo Guigou-Norro (1994), as instalações da fábrica, ao início do empreendimento, correspondiam a outro local, que não o atual espaço. Essa localização ficava em frente à antiga cadeia, onde estruturavam o ambiente as ruas Coronel Sampaio, General Câmara, Almirante Barroso e Conde de Porto Alegre.

Cerca de meses após sua fundação, a sociedade dissolveu-se e Carlos Guilherme assumiu o ativo e o passivo da empresa. Nesse período, a cidade era um centro de importação e exportação, a indústria têxtil assim abria as portas na cidade de Rio Grande de São Pedro do Sul para um novo campo a ser explorado. Desse modo, a movimentação da cidade de Rio Grande era fomentada pela a indústria, aqui evidenciada, que fabricava nesse momento diversos tipos de cobertores, sarjas, capas e panos, conforme descrição abaixo:

O êxito dos empreendimentos das colônias urbanas é resultante da situação geográfica da cidade do Rio grande. Os alemães formavam uma das mais importantes colônias no Rio Grande. Atividades de alemães residentes em Reio Grande- 1874: atividade de comerciante de exportação/importação. Número de estabelecimentos: 18. No campo fabril, Rio Grande, até 1870 contava apenas com estabelecimentos artesanais. Sua importância era principalmente comercial. Coube à iniciativa de origem alemã alterar a base econômica citadina pela criação de indústrias que podem ser classificadas como modernas. Em 1873, sediava a primeira fábrica brasileira de fiação e tecelagem de lã. Foram Guilherme Rheingantz e Hermam Vater, alemão, os criadores do que posteriormente se chamou União fabril. O empreendimento ampliou-se para incluir uma tecelagem de algodão, englobar uma fábrica de chapéus. Em 1887 – trabalhavam 300 operários; destes, 180 brasileiros, 45 portugueses, 30 italianos, 18 alemães, 8 norte-americanos e 8 de diversas providências (COPSTEIN, 1975: 52)

Esse destaque frente ao início de uma nova atividade na região que abarcava a cidade de Rio Grande teve o reconhecimento de sua atividade no mercado, sendo possível de verificar por meio das premiações recebidas durante sua trajetória. Em 27 de outubro de 1883, devido à implantação da indústria de lã no Brasil, Carlos Guilherme foi agraciado, por Decreto Imperial, com a comenda da Ordem da Rosa.

Com as atividades em andamento e crescimento notável, a empresa passou por uma série de modificações com respeito à sua estrutura de gestão. Fato percebido, por exemplo, em 11 de fevereiro de 1884, quando a fábrica se reestruturou sob a forma de sociedade em comandita. Com efeito, sua razão social passou a ser “Rheingantz e CIA”, com a disponibilidade de 600 contos de réis.

Assim, as instalações fabris foram cada vez mais sendo ampliadas e possuíam a primeira estrutura destinada a produzir tecidos de algodão, o que também foi um marco no estado do Rio Grande do Sul. Com esse elevado desenvolvimento de produção, elevou-se também o capital para 800 contos de réis em 1886 e para 1.000 contos de réis em 1888.

Por meio desse sucesso administrativo de uma fábrica em forte desenvolvimento, e o que modificava o cenário do mercado do sul do estado, no dia 3 de janeiro de 1886, a antiga “Estrada da Mangueira” passou a ser chamada – por iniciativa da Câmara – de “Rua Rheingantz”. Assim, nascia a Avenida Rheingantz, tendo de um lado as casas destinadas aos funcionários de maior graduação, mais bem equipadas e isoladas no lote em sua grande maioria, e, de outro, as mais modestas, para operários de menor ordenado (PAULITSCH, 2003).

No ano de 1891, o comendador Carlos uniu a fábrica de tecidos à produção da lã, que era a principal matéria prima da fábrica. Dessa forma, a Sociedade Comanditária passou a ser Sociedade Anônima e nesse período passou sua denominação para Companhia União Fabril e Pastoril. Mais uma vez elevou-se o capital, dessa vez para 5.000 contos de réis. Infelizmente, em 1893, os rebanhos foram danificados e, novamente, alteração do nome da empresa: Companhia União Fabril S/A.

Mesmo com essa perda, outra iniciativa foi posta em vigor a partir da idéia do administrador da fábrica. Foi então instalada, em 1904, a primeira fiação penteada do país. Isso possibilitou a fabricação de tecidos finos, como a casimira. Como é possível perceber, a fábrica preocupou-se, constantemente, em manter seu desenvolvimento e empreendedorismo, bem como sempre procurou iniciativas notáveis, mas é indispensável imaginar como era a vida profissional e particular das pessoas que contribuíram para todo esse processo acontecer.

Ao início da sua última fase como sociedade anônima, a empresa possuía 900 funcionários e durante seu progresso chegou a contar com a mão-de-obra de 12.000 operários¹. Essa massa trabalhadora teve sua vida particular muito atrelada à vida no trabalho, já que além de passarem muito tempo dentro das instalações produtivas da fábrica, também mantinham atividades sociais em instalações projetadas pelo administrador da fábrica para tal.

A Revista América Magazine, promoção da Cia. União Fabril apresenta um panorama geral da estrutura da fábrica no final da década de 1950:

Os edifícios e escritórios da Companhia União Fabril situam-se na Avenida Rheingantz número 201, na cidade do Rio Grande. As oficinas estão instaladas em pavilhões isolados, paralelas uns aos outros, bem arejados, sendo que os de construção mais recente dispõem de cobertura “shed” com condições ótimas de iluminação natural. Além do ambiente condicionado, com calor e umidades controladas, por motivos técnicos impostos pela natureza do trabalho, as salas, onde o serviço não exige contínua movimentação dos operários, dispõem de sistema de calefação. A propriedade da Companhia possui 155.000m² de superfície medindo 45.00m² de área coberta. O acesso à fábrica dá-se pelo portão central, situado em

¹ Segundo livreto informativo da fábrica, pesquisado em acervo pessoal de ex-trabalhador da Companhia União Fabril.

baixo e ao lado dos escritórios, por onde entra a matéria prima em caminhões e saem os produtos acabados, depois de cuidadosamente elaborados por um conjunto de operários que, juntamente com os empregados administrativos, somam 1.200 pessoas e que operam num parque de máquinas entre as quais se encontram as da mais moderna fabricação (América Magazine, 1959 *apud* PAULITSCH, 2003: 43).

Nesse sentido, é possível verificar a dimensão que tomou a fábrica Rheingantz, de tal maneira que a grande quantidade de funcionários podia contar com um ambiente de trabalho dentro dos moldes modernos. Além desse aparato dentro do local de trabalho, os trabalhadores da fábrica contaram com uma série de subsídios oportunizados pela empresa os quais correspondiam ao alargamento espacial da fábrica e a extensão da vida da fábrica na vida pessoal desses indivíduos.

A Rheingantz foi referida muitas vezes como “extramuros”, em virtude de seu projeto social, de moradia, de educação e de lazer. Inclusive o bairro no qual está localizada, possui o nome “Cidade Nova” devido à sua expansão ocasionada pelo movimento que a indústria ali gerava, juntamente mais tarde com a viação férrea (PIMENTEL, 1944).

Além disso, em 1878, os lotes construídos com aterramento do material da dragagem do Porto – a qual teve conclusão em 1866 – foram arruados e alinhados, originando a área chamada de bairro “Cidade Nova” (SILVA, 2010). A partir dessa estruturação de uma nova região dentro de Rio Grande, as instalações atuais da remanescente fábrica têxtil tomaram corpo.

Com efeito, é possível verificar o quanto a fábrica fomentou a urbanização da cidade de Rio Grande, bem como manteve, por muito tempo, a busca por inovações a fim de contribuir economicamente no seu contexto produtivo. Nesse âmbito, percebe-se que seu porte exigia um crescente número de funcionários os quais manteriam suas vidas diretamente ligadas as suas funções na fábrica. A partir disso, se busca saber quais relações eram essas e como se dava a dinâmica da vida na fábrica. Para tanto, é necessário procurar conhecer quais as memórias mais presentes acerca deste patrimônio.

A oralidade e suas possibilidades na busca das memórias e das histórias

O trabalho está estruturado de maneira a utilizar-se da História Oral em perspectiva de um estudo qualitativo. Nesta direção, cabe aqui ressaltar que Lucien Febvre afirma:

A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem... Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser (FEBVRE, 1949: 4281 *apud* LE GOFF, 1990: 30).

No entanto, não apenas pela falta, percorrida por Lucien Febvre, desses documentos escritos optou-se por utilizar a metodologia de História Oral nesse trabalho. Utiliza-se esse método, por acreditar que a história se expressa na oralidade (e vice-versa) e amplia as visões acerca de um determinado assunto ou objeto de pesquisa. Assim sendo,

a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992: 44).

Esse “sentido social da história”, preconizado por Thompson (1992), é expresso por meio da pesquisa qualitativa. Portanto, é nesse sentido que Hart (2002) aponta a “Investigação Qualitativa”, a qual consiste em várias tradições distintas, como a etnografia, a fenomenologia e a pesquisa narrativa. Além disso, esse pensamento vai ao encontro à idéia de Morin (2004), o qual defende que para problemas novos a serem pesquisados ou para antigos problemas recentemente percebidos, é preciso propor e utilizar novos métodos de abordagem. Ainda nessa perspectiva, Pádua (2007) afirma que esse tipo de trabalho considera valores, representações e motivações sociais, com o propósito de identificar o significado dos processos e fenômenos sociais. Com essas questões esclarecidas o trabalho direciona as possibilidades oriundas da metodologia da História Oral.

Considera-se que por meio da História Oral, é possível defender a existência das memórias ligadas a Rheingantz. Essa afirmativa pode ser considerada coerente a partir da busca dos significados e das lembranças que a fábrica e seu entorno provocam em determinados atores sociais. Esse elenco histórico, na sua maioria, habita o entorno dos antigos pavilhões de produção e é constituído por ex-funcionários da fábrica, seus descendentes e sujeitos vinculados ao processo de falência da Cia União Fabril.

Dessa forma, os relatos de antigos colaboradores, de descendentes desses ex-empregados da fábrica, bem como as narrativas verbais de pessoas que estiveram envolvidas nos processos jurídicos a respeito da falência, expressam alguns sentimentos acerca da Companhia União Fabril² e, por consequência, do Complexo Rheingantz. Portanto, entre as

² Nome da empresa que estruturou o Complexo Rheingantz, no que tange à disponibilização de suas especificidades físicas, declarou falência no ano de 1969.

memórias mais fortes desses indivíduos, julga-se imprescindível destacar as lembranças de como era a vida na fábrica e de como ocorreu parte do processo declinativo da mesma.

Sobre as memórias que demonstram parte da vida dos trabalhadores na fábrica percebe-se o estreitamento entre vida privada e vida no trabalho, a partir das moradias dos operários da Cia. As famílias de operários residiam pagando um valor relativamente baixo se comparado a outros aluguéis da cidade. Abaixo, algumas informações sobre o cotidiano da fábrica:

[...] tinha uma sirene... (tinham três turnos a fábrica, ela trabalhava diuturnamente) e quando tinha qualquer problema era acionada a sirene. Então claro, se acionada uma sirene aqui dentro da fábrica, todo mundo aqui dessas casas escutavam. O meu pai cansou de levantar e ir porque era algum problema [...] podia ser na parte elétrica, podia ser na caldeira, podia ser em alguma máquina, né. Então as pessoas por isso moravam e assumiam um compromisso de estar sempre à disposição. (Trecho da entrevista realizada com a Sr^a. Gilda Oliveira, no dia 26.10.2010)

Assim, o que muito chama atenção, é esse vínculo estabelecido entre o funcionário e o local de trabalho

O Complexo, ainda contava com uma creche para as crianças com idade inferior à necessária para ingressar na vida escolar. Além disso, ficava situado em frente à Vila Operária o Grupo Escolar Comendador Rheingantz:

Tinha uma creche, que funcionava aqui onde é o “Nela Pietra”, agora pizzaria, ali era a creche e eram freiras lá do Joana d’Arc que cuidavam as crianças, tinham funcionário e tal, e quando essas crianças tinham idade de entrar (naquela época nem tinha pré escola) de entrar na escola regular, então, tinha essa escola eu não sei te dizer no início se era particular, isso ai não sei te dizer, mas na minha época quando eu entrei pra estudar era já do estado [...] eu entrei com sete anos, eu entrei em 1954, na primeira série. (Trecho da entrevista com a Sr^a. Gilda Oliveira, realizada no dia 26.10.2010)

Havia a Sociedade de Mutualidade (casarão localizada à esquina da Av. Rheingantz), a qual servia como uma “segurança” caso o trabalhador necessitasse de atendimento médico, auxílio de funeral ou produtos farmacêuticos. O casarão onde se localizava a Sociedade Mútua mantinha um armazém de gêneros de primeira necessidade além de atividades relacionadas ao de lazer, como biblioteca e jogos como bilhar.

No relato da filha de um antigo funcionário da Cia. União Fabril, a qual teve a presença da fábrica muito forte durante todo seu desenvolvimento como pessoa, são percebidas as preocupações administrativas a respeito da saúde de seus colaboradores. O Complexo dispunha de um ambulatório que possuía clínico geral, pediatra e ginecologia obstetra. Além do ambulatório de enfermagem contar com médicos, possuía um enfermeiro preparado para dar os primeiros socorros em caso de acidentes na fábrica. Com relação a esse ponto, a Sr^a. Gilda recorda a existência de uma farmácia de manipulação com farmacêutico disposto pela empresa. Nessa área da saúde, a fábrica oferecia aos seus funcionários

atendimento a dentista, o qual atendia suas consultas na sede do Sindicato dos Trabalhadores, localizada próxima à fábrica, na Avenida Buarque de Macedo. Abaixo, uma foto as Sociedade de Mutualidades, também conhecida como Cassino dos Mestres.

Os operários contavam, ainda, com o restaurante localizado no recinto nomeado “União Fabril”, o qual servia cerca de 600 refeições diárias e possuía um baixo custo ao operário. Sobre essa sede social, Gilda Oliveira coloca:

Sabe que eu lembro, que no União Fabril tinham aqueles bailes, [...] faziam eventos à noite. Umas festas, assim, para os funcionários poderem ir com suas famílias e era muito bom porque todo mundo se conhecia e tinha aquele entrosamento. E, eu acho que por isso, assim, que agente participou tanto da vida da fábrica. [...] E tu sabes que tinha uma coisa muito interessante: [...] eles faziam o natal dos filhos dos operários e na época [...]. Lembro [...] que eles faziam a festa, então eles dividiam o salão da União Fabril, como se fosse uma tenda de quermesse e os brinquedos divididos por idade [...] e quando chegava lá, tinha o Papai Noel... e era muito bom! (Trecho da entrevista com a Sr^a. Gilda Oliveira, realizada no dia 26.10.2010)

Nesse trecho da entrevista é possível perceber a função da União Fabril, a qual servia de local para a socialização dos funcionários da empresa.

Além disso, facilitando a vida dos colaboradores, a Cooperativa de consumo, junto ao casarão, possuía uma baixa margem de lucro favorecendo assim os funcionários da indústria Rheingantz.

O Esporte Clube União Fabril, possuía gramado para atividades como futebol, campos para basquete e vôlei, cancha e salões para torneios de bilhar, tênis de mesa, pingpong. O salão de festas era muito utilizado em eventos da fábrica, como já se pôde entender.

A Sociedade de Mutualidade, no período aqui estudado, era responsável pelo “Fundo de Auxílio”, que disponibilizava ajuda de custo para casamentos, auxílio em caso de viuvez, amparo aos filhos e invalidez. Assim, o trecho abaixo demonstra:

[...] Tinha um fundo de empréstimo. Aquele fundo de empréstimo. Era dado ao empregado dentro do possível, ou por outra, dentro do que determinava os respectivos estatutos; um tanto por cento sobre... se não nos falha a memória, um tanto por cento sobre o ordenado de cada um. Dali saía a assistência médica, até a assistência funeral, funerária tinha. Está compreendendo? Muito bem... eu tinha... mantinha uma cooperativa... dos empregados que se achava então a Sociedade Mutualidade. E tinha um ambulatório. Me recordo perfeitamente que nesse ambulatório... nesse ambulatório da fábrica trabalharam, já depois que entrei prá fábrica, o Dr. Brum, Dr. Espíndola, Dr. Nelo Germano e ultimamente o Dr. Wilson Soares (trecho de entrevista com Alípio Magalhães, em 26.05.1981).

Além desses cuidados com os trabalhadores voltados à saúde, moradia e alimentação, foi relatada nas entrevistas realizadas, havia atenção para com os filhos dos operários no sentido de lazer e descontração. Durante as festas de Natal organizadas pela União Fabril, por exemplo, eram distribuídos brinquedos às crianças por faixa etária. Com muito saudosismo percebido em olhos brilhantes, a memória de um desses filhos de funcionário lembra que

“distribuíam os brinquedos da Estrela- melhor marca na época!” (Trecho da entrevista com a Sr^a. Gilda Oliveira, realizada no dia 26.10.2010).

Com respeito ao processo de declínio da fábrica, é viável destacar alguns aspectos. Assim, as entrevistas realizadas com antigos operários da fábrica revelam alguns fatos, os quais indicavam as marcas de ruptura, de um passado tecido por pioneirismo e costurado por orgulho, refletido no descoser de tanta representatividade frente ao mercado.

Na investigação sobre as percepções dos antigos funcionários, foi curiosa a colocação que muitos entrevistados fizeram. Muitas das narrações expostas comentavam que não esperavam a falência da fábrica. Não obstante, percebiam as progressivas demissões. Contudo, os dispensados eram, principalmente, funcionários que possuíam um ingresso na empresa mais recente e por tanto o fato não chamava tanto à atenção dos outros trabalhadores.

Não imaginávamos que a fábrica com aquela dimensão toda, com aquela fama que teve, ia acabar assim... Até achávamos estranhas as demissões. Mas pensei como muita gente pensou né, que era uma fase ruim. Falência? Não, isso não... Acho nenhum colega meu pensou nisso. A coisa era muito pior do que agente pensava! (Trecho da entrevista com Sr^a. Carmem Sigmond, ex-operária, em 03.03.2009.)

Por mais que os ex-funcionários da fábrica não esperassem essa declaração da empresa como massa falida, em 1968, as demissões, as quais os trabalhadores percebiam, já apontavam esse declínio de atuação no empório industrial têxtil.

Cabe ressaltar que o ano de 1964 representa o início desse declínio produtivo da Companhia União Fabril, devido aos casos de demissões relatados nas entrevistas e do contato que tive com documentos como carteiras de trabalho acusando a saída dos trabalhadores nesse ano, conforme depoimento a seguir:

Os guris do SENAI antes estavam sempre lá na fábrica. Claro, trocavam toda hora né, porque era um tempo determinado pra eles trabalharem lá. Fazia parte dos cursos que eles faziam. Era um estágio dos cursos. Até tinha alguns que ficavam trabalhando na Rheingantz, mas isso antes das demissões. Quando começaram, aos pouquinhos, a mandar o pessoal “pra rua” já nem chamavam mais os guris. Isso, seguido do novo regime dos militares (Antônio, ex-funcionário da fábrica, em 05.09.2010).

Por meio de passagens como esse trecho relatado por Antônio é visível que a fábrica, a qual um dia abriu espaço para a formação profissional de jovens e estudantes em busca de qualificação, passa a não oportunizar mais esse espaço de crescimento profissional. A oportunidade já não é mais, a partir de meados de 1960, uma característica da fábrica de têxteis. Além disso, podemos perceber essa mesma percepção a partir da fala da entrevistada Sr^a Eloí:

Eles tiveram que diminuir o pessoal [...] Foram diminuindo e agente, as mais antigas ficaram trabalhando. Assim: agente tinha que soltar, por exemplo, às seis horas, mas tinha serviço. Então, agente ficava até as dez, porque mandaram o pessoal pra casa porque não podiam pagar. Claro, tava indo à falência, então agente como era mais

antiga e gostava [...] Não se prejudicava muito porque morava perto e trabalhava. Aí eu não trabalhava de apontadora, eu trabalhava limpando peça [...] Depois da produção (trecho de entrevista com Sr^a Eloí Maciel em 11.10.2010).

O trecho acima aponta que devido a essas demissões que ocorreram na fábrica, os funcionários trabalhavam em horários os quais não eram comuns anteriormente ao processo de declínio da fábrica. Além disso, esses empregados realizavam mais funções que as comuns a sua rotina de fábrica anteriormente.

Isso corrobora o relato da Sr^a. Gilda, que apontou o comprometimento tanto do trabalhador com o serviço, quanto dos administradores com seus colaboradores. Esse comprometimento marca a história da fábrica – inclusive no período de decadência. A partir de 1964, as demissões começaram a ser mais freqüentes e para “vencer” a produção, os funcionários mais antigos ficavam até mais tarde realizando suas funções na fábrica. Situação essa muito comum nas lembranças dos funcionários mais antigos da União Fabril.

Portanto, acredita-se na oralidade como valiosa maneira de buscar as memórias de determinado objeto. Essa prática da narrativa verbal é capaz de disseminar e instigar histórias as quais podem estar implícitas no patrimônio cultural.

Considerações

A partir desse estudo de caso, é possível perceber a existência de memórias ligadas ao remanescente Complexo Industrial e à Cia. que encerrou suas atividades em 1969. Essas memórias estão aos arredores da fábrica, na antiga vila operária e habitam as casas que acolhem pensamentos saudosos, decepcionados e indignados. Pensamentos esses furtos de uma esperança traída por uma realidade a qual o atual abandono, descaso e descaracterização não deixam apagar sua existência.

Por meio dessas memórias notaram-se alguns significados do Complexo Rheingantz, mais precisamente com a falência da Companhia União Fabril que contribui com a história local de Rio Grande. Esses significados foram extraídos por meio do uso da metodologia de História Oral. Nesse sentido, foram percebidos sentimentos que estão diretamente ligados com os locais de moradia, locais de estudo e locais de encontros sociais. Enfim, o significado que conecta a vida pessoal com a vida no trabalho.

Além dessa representação oportunizada através do antigo Complexo Industrial, o significado de abandono com o término das atividades fabris, aponta o vínculo que é capaz de motivar possíveis cuidados com o local. Esse se modifica com o passar dos tempos, não obstante, mantém fortes as lembranças que constituem o entorno do ambiente, a partir das memórias da comunidade local. Dessa maneira é que o presente artigo aponta a eficácia da História Oral num viés de pesquisa qualitativa, com a finalidade de explorar os significados que certo patrimônio possui no ambiente o qual compõe.

Acaba-se a escrita, por enquanto, carregada com a esperança de que o respeito pelas memórias seja um elemento presente aos olhos dos leitores. Continua-se com a vontade de

que um patrimônio não seja percebido como um objeto isoladamente. Isso porque são as memórias que legitimam a estrutura em patrimônio – memórias, essas, descobertas por meio da escuta, do olhar, dos sorrisos e das lágrimas.

Referências

Entrevistas

ENTREVISTA com Gilda Maria *Sant'anna* Oliveira (em 26.10.2010).

ENTREVISTA com Eloí Lopes Maciel (em 11.10.2010)

ENTREVISTA com Carmem Siggmond (em 03.03.2009)

ENTREVISTA com Antônio Rodrigues Filho (em 05.09.2010)

ENTREVISTA com Alípio Magalhães (em 26.05.1981). Acessado no Laboratório de História Oral (LHO) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Obras de apoio

HART, Paul. **Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental**: questões de qualidade. In: GALIAZZI, Maria do Carmo (orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí/RS: Unijuí, 2005, p. 15-61.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, S: Editora da UNICAMP, 1990.

MORIN, Edgar. **Navegando e traçando mapas**: uma contribuição à pesquisa em educação ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José V. (orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí/RS: Unijuí, 2005.

PAULITSCH, Vivian. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande – RS. Campinas, SP, 2003.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.